

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 24 • 2018

VOLUME COMEMORATIVO DO XXX ANIVERSÁRIO
DO CENTRO DE ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DO CONCELHO DE OEIRAS
1988-2018



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2018

**NOS 190 ANOS DO NASCIMENTO
DE SEBASTIÃO PHILIPPES MARTINS ESTÁCIO DA VEIGA (1828-1891)**

***IN 190 YEARS OF THE BIRTH
OF SEBASTIÃO PHILIPPES MARTINS ESTÁCIO DA VEIGA (1828-1891)***

João Luís Cardoso ¹

Abstract

The life, personal and scientific life of Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga, whose 190 years of his birth are celebrated in 2018, is summarily presented. He was born in the Algarve and was commissioned in 1877 by the Portuguese Government to prepare the *Carta Arqueológica do Algarve*. Of the fieldwork he conducted with remarkable dedication and commitment throughout the then-designated Algarve Province, resulted in the publication of the most brilliant work of Archeology to date produced in Portugal: the *Antiguidades Monumentais do Algarve*.

Keywords: Algarve, Archaeology, Biography, Estácio da Veiga, Portugal.

Obtida a autorização por parte do então Director do Museu Nacional de Arqueologia e meu particular Amigo, Dr. Luís Raposo, para o estudo integral da documentação do Arquivo de Estácio da Veiga, conservado naquela centenária Instituição, em Março de 2005, foram pouco tempo volvido publicados extensos contributos, tendo a totalidade da correspondência mais importante de carácter arqueológico sido apresentada, em obra apresentada em 2007, distinguida com o prémio de História Joaquim Veríssimo Serrão, da Fundação Engenheiro António de Almeida, outorgado pela Academia Portuguesa da História.

Esta curta evocação tratará de uma temática central do trabalho do ilustre arqueólogo algarvio, nascido em Tavira a 6 de Maio de 1828: a *Carta Arqueológica do Algarve*, estreitamente associada à obra *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, cujo volume V preparava, na sua residência do Largo de Arroios, em Lisboa, escrevendo-o na cama, até ao fatídico dia 7 de Dezembro de 1891! Felizmente, a parte que deixou escrita desse volume, depois de ter sido parcialmente postumamente publicada por iniciativa de J. Leite de Vasconcelos nas páginas de *O Arqueólogo Português*, volumes 9, 10 e 15, foi já apresentada na íntegra, por iniciativa conjunta do Museu Nacional de Arqueologia e da Câmara Municipal de Silves, em 2006, aquando do congresso reunido naquela cidade algarvia em sua homenagem (VEIGA, 2006).

Não restam dúvidas de que a conclusão daquela obra genial era o propósito de há muito perseguido por Estácio da Veiga (Fig. 1). É o próprio que o declara, em carta autógrafa dirigida ao Secretário-Geral da Academia das Ciências de Lisboa, a 4 de Junho de 1891 e conservada no seu Processo Académico, acompanhada do

¹ Universidade Aberta e Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras). cardoso18@netvisao.pt.
. Coordenador da linha de investigação History of Archaeological Science (ICArEHB).

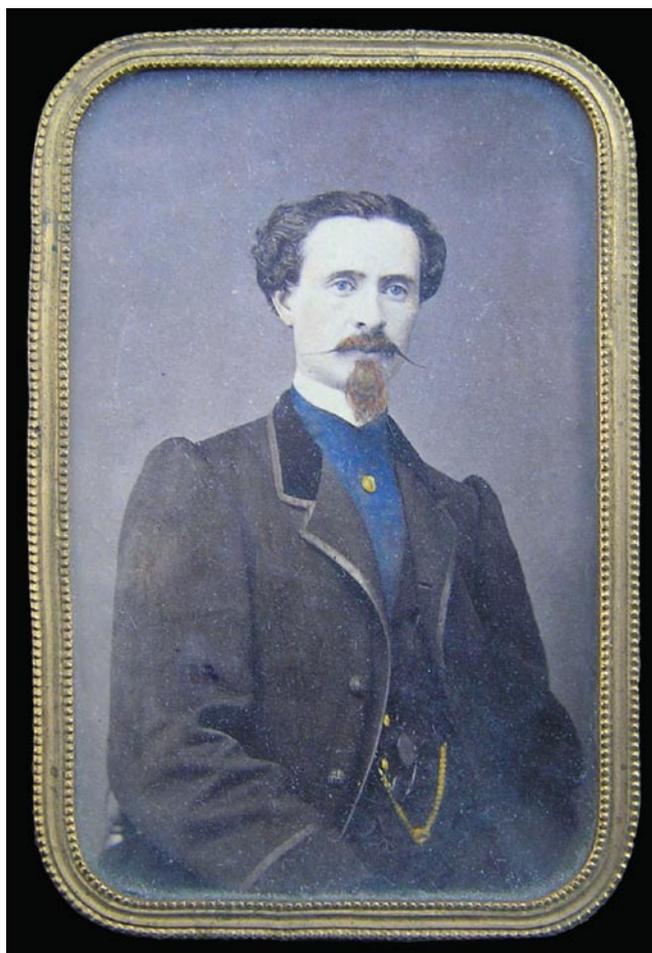


Fig. 1 – Estácio da Veiga na época do seu casamento com Amélia de Claranges Lucotte. Reprodução fotográfica colorida emoldurada no volante esquerdo de um porta-retratos, correspondendo o seu volante direito ao retrato de sua Mulher. Arquivo da família. Reprodução de J. L. Cardoso.

volume IV, saído dos prelos da Imprensa Nacional nesse mesmo ano (Fig. 2): “A Carta Archeologica do Algarve, de que há poucos mezes remeti á Academia um exemplar, acompanhará o quinto volume e ficará regendo todas as antiguidades históricas já verificadas naquelle território [...]”

Na verdade, a *Carta Archeologica do Algarve*, relativa aos tempos históricos já se encontrava concluída em 1890, pois a 18 de Dezembro desse ano, Estácio remeteu um exemplar ao Presidente da Segunda Classe da Academia das Ciências, conforme consta da carta com que o fez acompanhar.

Porém, a dita carta só foi publicitada postumamente, em 1910, em *O Archeólogo Português*; com a titulação seguinte:

PORTUGAL
CARTA ARCHEOLOGICA DO ALGARVE
TEMPOS HISTORICOS

Representativa das épocas preromana, romana, visigothica e árabe,
Comprovada com o Museu Archeologico do Algarve, fundado em 1880, e com os
descobrimentos effectuados até 1889

A Carta archeologica do Algarve, de que ha poucos
meses remette á Academia, em exemplar, acompanhará
o quinto volume e ficará regendo todas as antiguidades
historicas já verificadas naquella territorio.

Muito gostosamente aproveito este ensajo para mais
uma vez poder endereçar a V. Ex.^{ta} os devidos protestos da
minha mais respeitosa consideração.

Lisboa, Largo de Arroyos, N.º 6, em 4 de junho de 1891.

M.^{mo} e Ex.^{ta} Sr. Conselheiro Secretario Geral
da Academia Real das Sciencias de Lisboa

Sebastião Philippes Martins Estácio da Veiga
Socio Correspondente

Fig. 2 – Segunda e última página autógrafa da carta dirigida por Estácio da Veiga ao Secretário-Geral da Academia das Ciências de Lisboa, datada de 4 de Junho de 1891. Processo Individual, Academia das Ciências de Lisboa, reprodução de J. L. Cardoso.

A elaboração desta carta arqueológica, que deveria, ser inserida no volume V das *Antiguidades Monumentaes* sucede-se à publicação da carta dedicada aos tempos pré-históricos, que acompanha o volume I, publicado em 1886 pela Imprensa Nacional, constituindo o segundo documento cartográfico produzido por Estácio, no decurso da sua missão governamental do levantamento arqueológico da então província do Algarve, do qual havia sido incumbido em 1877, tendo a primeira versão daquela mesma carta sido apresentada em finais de 1878.

A titulação da versão de 1886, muito enriquecida pelos achados efectuados até 1882, é a seguinte:

CARTA ARCHEOLOGICA DO ALGARVE

Tempos prehistoricos

Representando o período Neolithico, a transição deste período para a Idade do Bronze, esta Idade e a Idade do Ferro

Elaborada em 1878, comprovada em 1880 com a fundação do Museu Archeologico do Algarve, apresentada no mesmo anno ao Congresso de Anthropologia e de Archeologia Prehistorica reunido em Lisboa e recentemente muito ampliada pelos descobrimentos feitos em 1882

Importa salientar o extremo cuidado metodológico havido na preparação da legenda de ambos os documentos. Assim, a legenda da carta arqueológica relativa aos tempos pré-históricos seguiu as convenções internacionais já então em vigor, com as quais Estácio se encontrava familiarizado, até por ter apresentado aquela carta ao Congresso Internacional de Lisboa de 1880, embora não publicada nas actas, o que se explica, provavelmente, pelo muro de silêncio que se procurou fazer em torno da sua actividade arqueológica. Ao contrário, no que respeitava aos tempos históricos, não existia uniformidade de critérios. Para obviar aos inconvenientes de uma multiplicação de símbolos, que dificultavam a consulta de documentos similares produzidos em outros países, ou por diferentes arqueólogos, Estácio enviou ao Congresso da Sociedade Francesa de Arqueologia de 1884 *“uma proposta para a regulação da legenda internacional que deve ser empregada nas cartas de archeologia histórica [...] semelhantemente ao que ficou ordenado para as cartas de archeologia prehistorica”* (VEIGA, 1887, p. 5, 6). Na sequência desta apresentação, foi Estácio da Veiga encarregue de organizar uma *“relação das épocas, com a indicação das antiguidades históricas de cada uma, que devam ser symbolizadas nas futuras cartas parciaes ou geraes de Portugal, sendo cada epigraphe precedida de um signal arbitrário”* (ob. cit., p. 6).

Assim, enquanto a cooperação institucional não se afirmasse, a proposta do Autor aplicar-se-ia exclusivamente ao Algarve; vale a pena, pois, transcrever os critérios definidos por Estácio para a representação dos diferentes vestígios, aquando da apresentação da correspondente carta à Academia das Ciências de Lisboa:

“Com referencia ao Algarve, dividi os tempos históricos, comprehendendo a instituição da monarchia portuguesa, em tantos períodos, quantas foram as nacionalidades que senhorearam aquelle território, sendo cada período subdividido em épocas e estas representadas por seus mais typicos característicos [...]” (ob. cit., p. 7).

Os antecedentes objectivos, tanto da carta, como dos quatro volumes das *Antiguidades* publicados em vida do autor são já bem conhecidos: trata-se da incumbência do Governo, atribuída a Estácio da Veiga, para que procedesse ao reconhecimento arqueológico do Algarve (Portaria de 15 de Janeiro de 1877), sendo presidente do ministério Fontes Pereira de Mello e Ministro do Reino António Rodrigues Sampaio (CARDOSO & GRADIM, 2004), na sequência das grandes cheias do Guadiana do Inverno de 1876, que puseram a descoberto, nos campos de Mértola, assinalável quantidade de ruínas. Importaria contudo averiguar se outra razão não existiria no ânimo do Autor para meter ombros à “obra maior” da sua bibliografia. Esta resposta encontrava-se no próprio arquivo de Estácio da Veiga depositado no Museu Nacional de Arqueologia. Ali deparei com grosso conjunto de folhas manuscritas. Trata-se do original, apenas mencionado anteriormente na bibliografia (PEREIRA, 1981), intitulado *Várias Antiguidades do Algarve*, o qual se pode considerar o antecedente directo da sua obra maior (Fig. 3).

Como Estácio declara na “Introdução” desta sua obra, inédita até 2009 (VEIGA, 2009), *“Não me foi possível percorrer toda a provincia, como a principio premeditei, e por isso não poucas omissões encontrarão aqui os homens estudiosos, tanto mais aquelles que um dia se propõem continuar e concluir este trabalho, que poderá neste caso servir de introdução e incentivo a outro mais desenvolvido e completo.”*

Estaria então o Autor longe de imaginar que essa oportunidade lhe viria a surgir pouco mais de dois anos depois... Com efeito, Estácio da Veiga encontrava-se ocupado com a redacção desta obra a 16 de Março de 1874, conforme declara em carta datada desse dia enviada a Possidónio da Silva (PEREIRA, 1984, p. 17, in *Correspondência artística e científica nacional e estrangeira de Joaquim Possidónio da Silva*, vol. VI, n.º 1012, AN/TT; PEREIRA, 1981, nota 45).

Convém recuar ainda mais no tempo.

Tais indagações campestres, depois de uma pequena incursão em terras da antiga cidade romana de Balsa (VEIGA, 1866), de onde estudou algumas inscrições com a ajuda de E. Hübner, foram iniciadas verdadeiramente

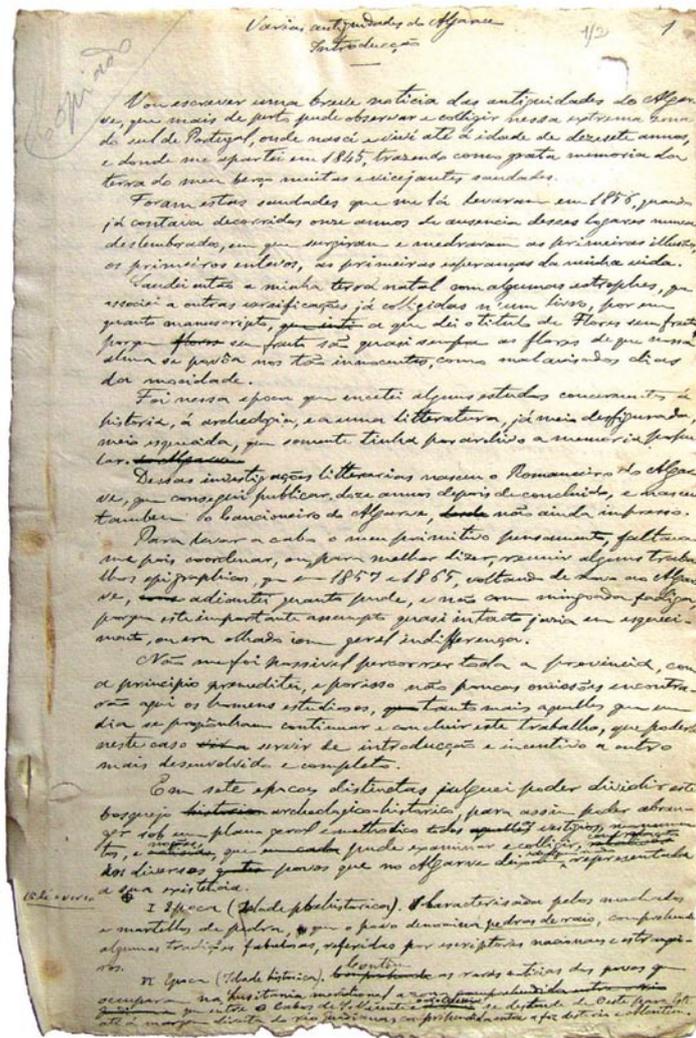


Fig. 3 – Primeira página do manuscrito autógrafo de Estácio da Veiga *Varias Antiguidades do Algarve*. Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, reprodução de J. L. Cardoso.

em Mafra, a partir da Quinta da Rapoza, onde então vivia; delas resultou a obra *Antiguidades de Mafra* (VEIGA, 1879), consequência da sua permanência naquele concelho, entre 1867 e 1875, como funcionário da então Direcção-Geral das Postas e Correios do Reino. O 4.º Conde de Mafra, Tomaz de Mello Breyner, cuja residência particular se situava numa das alas do Convento regista, nas suas Memórias, a presença em Mafra de Estácio nos seguintes termos: “[...] Estacio da Veiga, que era gentilíssimo, perguntou com bonitos modos o caminho para a bibliotheca. A serviçal conhecia a livraria, mas ignorava a significação da palavra exquisita que acabava de ouvir e, depois de uma reflexão, levou o sábio até á porta d’ uma das numerosas sentinas fradescas. [...]. Estácio da Veiga era um homem alto e magro, de porte distincto. Tinha cabelleira, bigode e pêra loiros. Os olhos eram azues, d’ aquelles que dão a impressão de deixarem ver o que se está passando por detraz deles. Tinha as honras de moço fidalgo com exercicio e, quando em Lisboa ia ao beija-mão do Paço da Ajuda, nunca deixava á volta de ir á Junqueira visitar minha Mãe. Estou a vê-lo de casaca encarnada, calça branca com galão doirado, espadim e chapéu armado.” (BREYNER, 1930, p. 172).

A obra *Varias Antiguidades do Algarve*, a cujo título não deve ser estranho o da obra *Varias Antiguidades de Portugal*, do seu antepassado renascentista Gaspar Estaço (PEREIRA, 1981), segue um plano ambicioso,

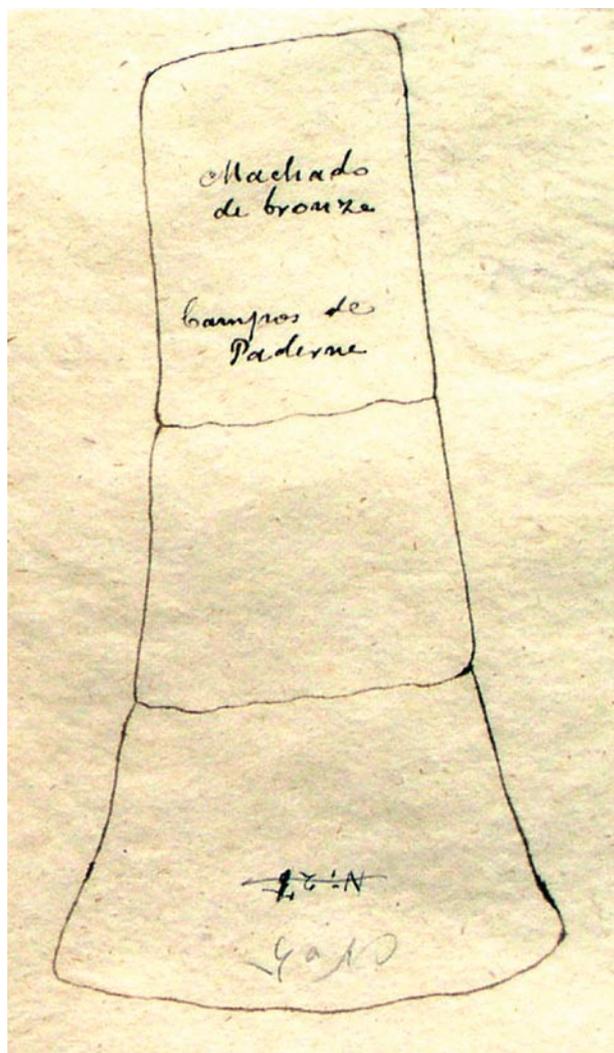


Fig. 4 – Machado de cobre ou bronze, proveniente de Paderne, desenhado por Estácio da Veiga e incluído no manuscrito *Varias Antiguidades do Algarve*. Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, reprodução de J. L. Cardoso.

timidamente ensaiado na pequena monografia de Mafra e, mais tarde nas *Memorias das Antiguidades de Mértola* (VEIGA, 1880). Porém, do ambicioso plano original, o autor concluiu apenas a “I Epoca (Idade prehistorica)”, na qual aborda os machados de pedra polida recolhidos no Algarve, seguido da análise e discussão dos escassos artefactos pré-históricos de cobre e de bronze (Fig. 4). A leitura não revela assinalável investimento no trabalho de campo, por parte de Estácio da Veiga, como aliás é reconhecido pelo próprio; valeram-lhe, sobretudo, os seus relacionamentos pessoais. É também assinalável o domínio da bibliografia relacionado com as descobertas que então se vinham produzindo em França, revolucionando os conhecimentos até então vigentes sobre a antiguidade da humanidade; a esse respeito, são elucidativas as citações feitas em primeira mão das obras de Boucher de Perthes, Charles Lyell, Paul Gervais e Alcide d’Orbigny, entre outros.

Do exposto, conclui-se que Estácio da Veiga teve o ensejo de concretizar, nas *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, os projectos já delineados anteriormente, e em parte publicados, tanto no respeitante a Mafra como a Mértola, conferindo agora aos trabalhos de campo a importância que eles efectivamente mereciam, como eloquentemente evidenciam os quatro volumes publicados em vida do autor (VEIGA, 1886, 1886, 1889,

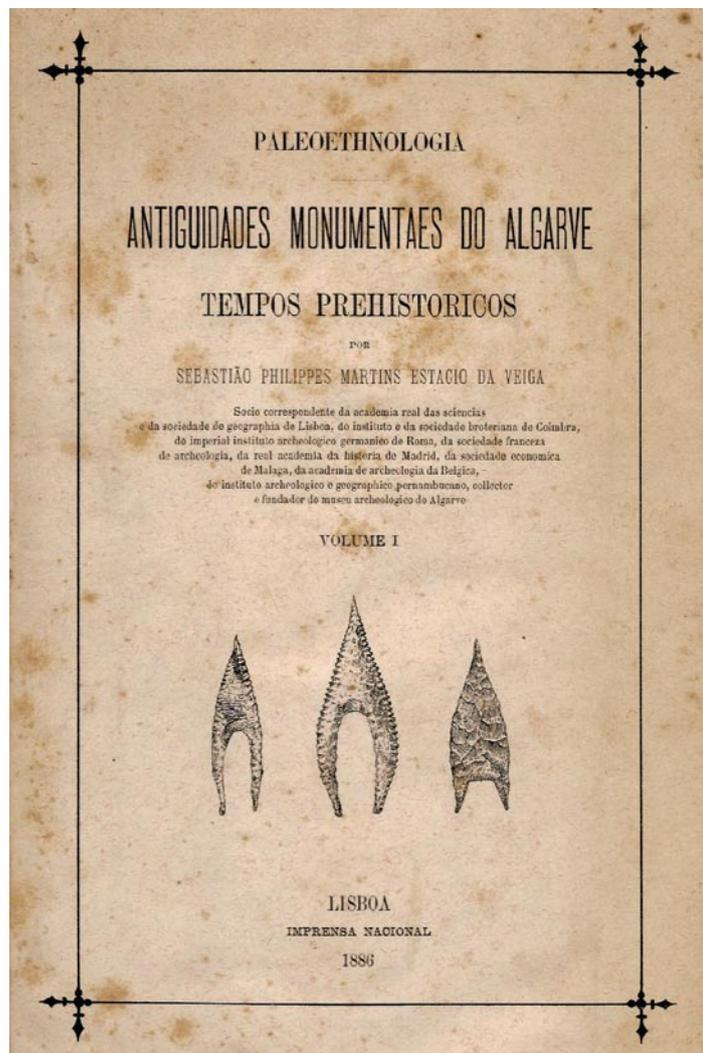


Fig. 5 – Folhas de rosto do primeiro dos cinco volumes publicados das *Antiquidades Monumentaes do Algarve*, reprodução de J. L. Cardoso.

1891) (Fig. 5). Os trabalhos de campo só foram possíveis por via dos apoios financeiros disponibilizados pelo Governo, embora sempre tardiamente e de má vontade, como se conclui da numerosa correspondência já publicada (CARDOSO, 2007). Importa, a tal propósito, referir que Estácio auferiu, enquanto durou a subvenção do governo para os trabalhos de campo, uma remuneração anual de 600.000 reis, para a coordenação daqueles, sendo a ferramenta e os trabalhadores dispensados pela Direcção de Estradas do Distrito de Faro, realizando-se o seu alojamento em domicílios de pessoas conhecidas. Iniciados em Alcoutim, progrediram depois de Este para Oeste, até atingirem o litoral ocidental do Algarve (Aljezur); neste contexto, foram determinantes as indicações providenciadas por colaboradores dedicados, cujos nomes jamais omitiu, proporcionando a realização de extensas e prolongadas escavações, únicas no panorama arqueológico internacional da época.

Cada um dos volumes das *Antiquidades* apresenta, a par e passo, a recapitulação das matérias tratadas nos volumes anteriores, incluindo as de carácter geral ou teórico, como se o Autor, à medida que ia escrevendo a obra, tivesse necessidade de rever ou reajustar conceitos, sugeridos por novas interpretações da realidade observada, decorrentes de leituras, que constantemente lhe eram proporcionadas pelos livros que lhe chegavam.

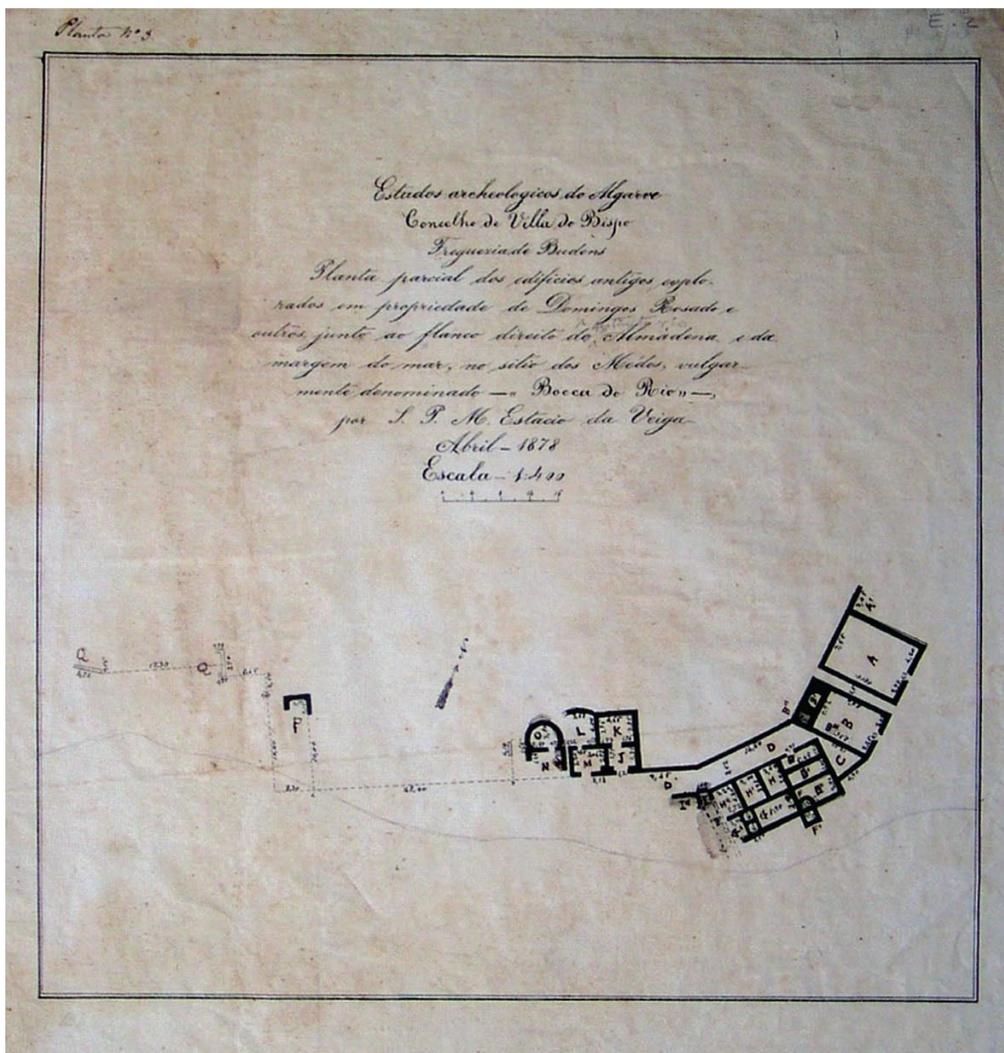


Fig. 6 – Planta das escavações feitas nos edificios romanos da Boca do Rio, Freguesia de Budens, em Abril de 1878. Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, reprodução de J. L. Cardoso.

Nos quatro volumes publicados em vida do autor, bem como no volume V, transparece o rigor do observador – exemplarmente evidenciado nas plantas das escavações por si executadas, decorrente da preparação conferida pelo do curso de minas da então Escola Politécnica (Fig. 6); os desenhos dos mosaicos, foram, frequentemente da autoria de sua mulher, evidenciando-se a qualidade dos mesmos (Fig. 7).

A par do conhecimento dos autores clássicos, necessários para a elaboração da parte relativa à presença pré-romana e romana do Algarve, somava o de áreas científicas que na altura se afirmavam com vigor, como a geologia, a arqueologia pré-histórica e a paleontologia, as quais não só dominava, como sabia relacionar entre si. Aliás, a vertente naturalista encontra-se expressa em obras notáveis e de carácter altamente especializado já anteriormente por si publicadas: é o caso, entre outros, do extraordinário estudo *Orquídeas de Portugal* publicado pela Academia das Ciências de Lisboa em 1886, Instituição que, em 1869, havia já publicado a obra *Plantas da serra de Monchique observadas em 1866*, ainda antes de Estácio pertencer àquela distinta Agremiação. Compaginava-se nele, como em nenhuma outra personalidade do seu tempo, muito menos da actualidade, a vertente do naturalista consagrado à do humanista e ao mesmo tempo do homem prático de

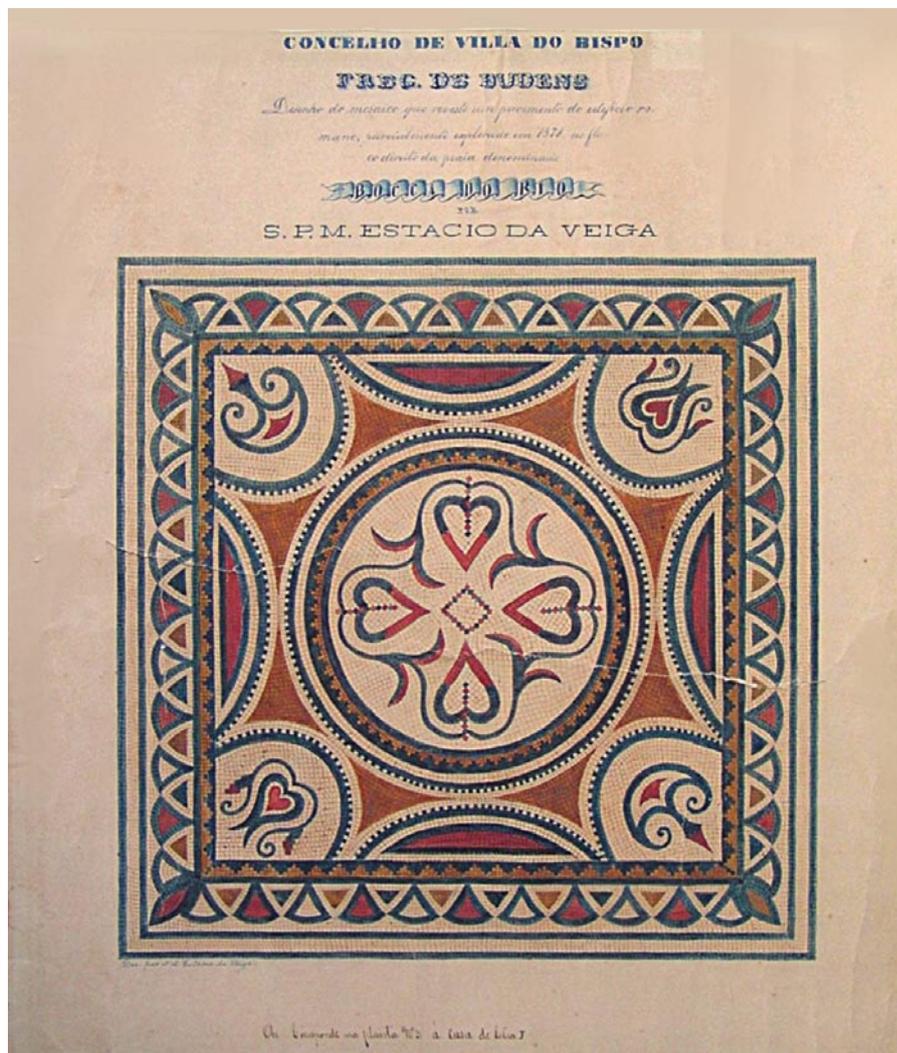


Fig. 7 – Desenho de um dos mosaicos escavados por Estácio da Veiga na Boca do Rio, Freguesia de Budens, em Abril de 1878, desenhado pela sua Mulher, Amélia de Claranges Lucotte Estácio da Veiga. Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, reprodução de J. L. Cardoso.

terreno; por isso é tão peculiar a obra e o pensamento de Estácio da Veiga, servido por uma prosa elegante e objectiva, sempre crítica e não raras vezes mordaz, cáustica ou irónica.

É esta a realidade que, a par e passo, transparece da leitura das *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, obra que constitui um todo coerente, onde recorrentemente se evidencia a actualização dos conhecimentos científicos do autor, expressa por numerosas citações, conduzindo-o, contudo, nalguns casos a conclusões que hoje sabemos erradas, como a preferência do princípio poligénico para a espécie humana, depois de discutir os argumentos dos defensores do princípio monogénico, especialmente os apresentados por Quatrefages. A confrontação entre ambas as teorias é feita de modo sintético e objectivo, no volume V (VEIGA, 2006), possuindo grande interesse histórico, exemplificando o nível do debate científico atingido em Portugal nos finais do século XIX. Também se equivocou ao atribuir aos últimos tempos pré-históricos as inscrições hoje ditas em alfabeto do sudoeste, apresentadas no final do volume IV, que na verdade são da plena Idade do Ferro, realidade que Leite de Vasconcelos logo comentou, esquecendo-se que Estácio estava então a desbravar sozinho caminhos totalmente desconhecidos, em que tudo o que fizesse era absolutamente novo.

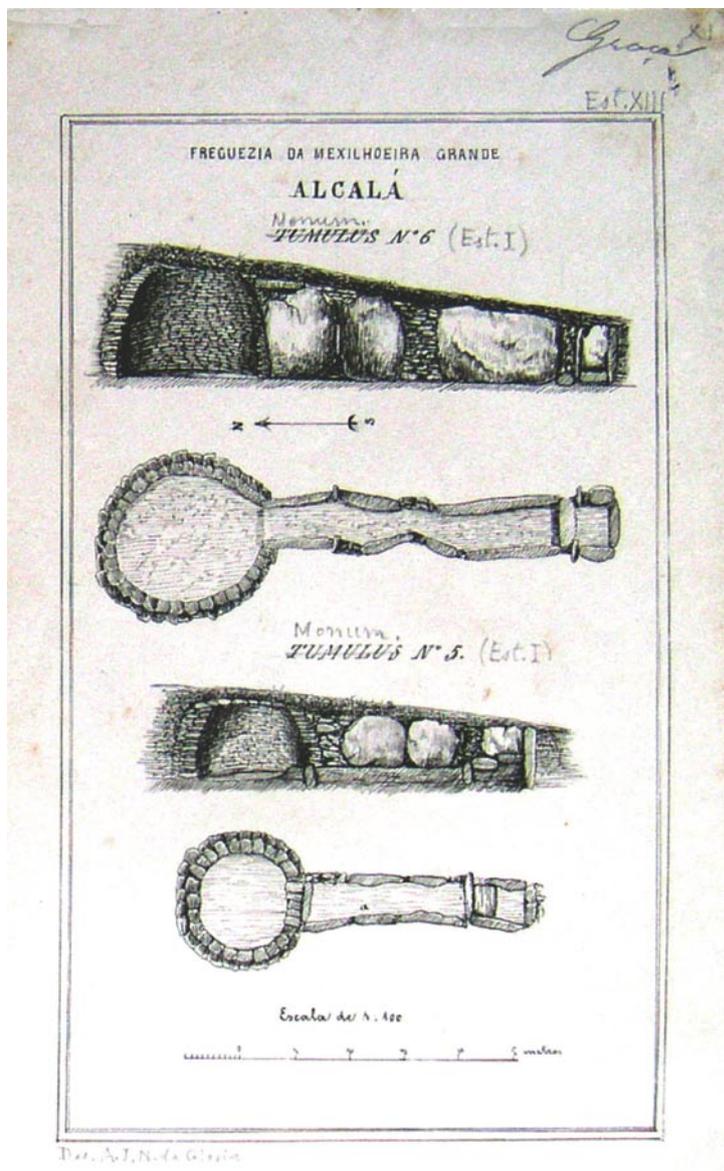


Fig. 8 – Alcalar 6, uma das *tholoi* escavadas por Estácio da Veiga daquela necrópole calcólica da Freguesia da Mexilhoeira Grande, segundo desenho original da autoria do Padre Nunes da Glória. Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, reprodução de J. L. Cardoso.

Defensor declarado das teses ocidentalistas, como estando na origem remota da formação cultural da Europa, que, deste modo, nada devia às brilhantes civilizações do Próximo Oriente, rebateu, fundamentadamente, a tese orientalista, preferida pela maioria dos pré-historiadores e linguistas do seu tempo. Quanto a estes últimos, citando D'Arbois de Joubainville, que refuta, acusa-os de não terem em consideração os documentos arqueológicos, mas apenas os testemunhos dos autores clássicos e as elucubrações por estes produzidas. Entre outras evidências deste pensamento independente, vigoroso e criativo, é a forma como defendeu a existência de uma Idade do Cobre, anterior à Idade do Bronze, na Península Ibérica, apoiando neste particular Juan de Vilanova, bem como a antiguidade das arquitecturas tumulares recorrendo à técnica da falsa cúpula, face às *tholoi* do Mediterrâneo Oriental, mais modernas. Para tal, apoiou-se nas escavações da necrópole de Alcalar, em Portimão, que explorou com a ajuda do pároco de Bensafim, Nunes da Glória (Fig. 8).

Para que tais conclusões fossem possíveis, o registo empírico por si recolhido foi sistematicamente valorizado: no caso, a existência de peças de cobre no território português oriundas reconhecidamente de contextos pré-históricos foi útil para demonstrar a alta antiguidade da actividade metalúrgica aqui desenvolvida, que nada devia aos povos orientais.

Foi na defesa objectiva de uma investigação articulada e coerente, tendo presente os testemunhos históricos e linguísticos, mas tomando sempre como ponto de partida e de aferição as evidências materiais, que só a Arqueologia poderia proporcionar, que reside um dos aspectos principais da *praxis* defendida por Estácio. O evidente sucesso da adopção deste princípio encontra-se demonstrado pelo facto de, 120 anos volvidos, muitas das considerações e conclusões apresentadas nos quatro volumes das *Antiguidades* terem mantido interesse e ainda serem lidas com proveito, para além do manancial de informações objectivas ali apresentadas, por ele recolhidas no terreno.

Em virtude da sua formação de naturalista, Estácio da Veiga soube valorizar com sucesso a evidência empírica, como só os arqueólogos-geólogos do seu tempo, como Carlos Ribeiro e Nery Delgado sabiam fazer; contudo, ao contrário destes, que se concentraram nos períodos mais recuados da humanidade, soube valorizar igualmente a informação histórica, e os autores clássicos; e foi dessa articulação, caldeada pelas leituras das obras mais importantes de geologia, de paleontologia e de antropologia do seu tempo, que resultou um pensamento único, expresso por obra criadora e metodologicamente original. Esta nova maneira de investigar a realidade arqueológica não se coadunava, naturalmente, com nenhuma das duas correntes dominantes: assim se explica o estranho silenciamento de Estácio no Congresso de Lisboa de 1880, de que era Secretário-Geral Carlos Ribeiro. Apesar de ter sido um dos Secretários-Adjuntos do Congresso, a apresentação da primeira versão da *Carta Archeologica do Algarve*, relativa aos tempos pré-históricos não consta das actas da reunião, como acima se referiu. É sintomático, também, o silenciamento que então se fez da abertura do *Museu Archeologico do Algarve*, nas instalações da Academia das Belas-Artes (Fig. 9), o qual, com espanto, quase só por acaso foi “descoberto” por alguns dos congressistas (PEREIRA, 1981), como Émile Cartailhac e Rodolph Virchow. E isto apesar de todos os esforços envidados para que a sua inauguração, verificada a 26 de Setembro de 1880, coincidisse com a realização em Lisboa, daquela importante reunião científica, o que salienta ainda mais o deliberado silêncio de que foi alvo, pois é totalmente omitido do programa oficial do Congresso (Fig. 10).

Se as relações com os geólogos-arqueólogos do seu tempo não eram de inteira confiança, as existentes com os arqueólogos-antiquários, congregados na Associação dos Arqueólogos Portugueses, dirigida por Joaquim Possidónio da Silva eram ainda mais problemáticas, por diferentes concepções museológicas que deveriam presidir á organização das colecções, em parte resultantes da natureza muito diversa das formações científicas de ambos. Tal realidade esteve na origem da saída de Estácio daquela agremiação em 1875, facto que terá apressado o seu ingresso na Academia das Ciências, cuja proposta se encontra datada de 18 de Novembro daquele ano, tendo sido aprovada por unanimidade pelo júri constituído para o efeito a 11 de Maio de 1876.

Para melhor se compreender o entendimento que o próprio autor tinha das *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, e da importância dos resultados obtidos, que a si se ficaram a dever, importa tomar conhecimento da carta remetida ao Secretário Geral da Academia das Ciências de Lisboa, a 5 de Novembro de 1889, acompanhando o terceiro volume da referida obra (Fig. 11):

“Nos dois primeiros livros occupei-me principalmente dos característicos respectivos ao período neolithico por mim descobertos na zona do Algarve e por alguns distintos investigadores n’outros logares do reino, e refutando as theorias e conceitos não adaptáveis ás manifestações paleoethnologicas até então verificadas nesta região da Europa, julgo ter deixado determinada a significação congruente a taes antiguidades e de todo o ponto destruída a affirmação geral da sua estranha proveniência.

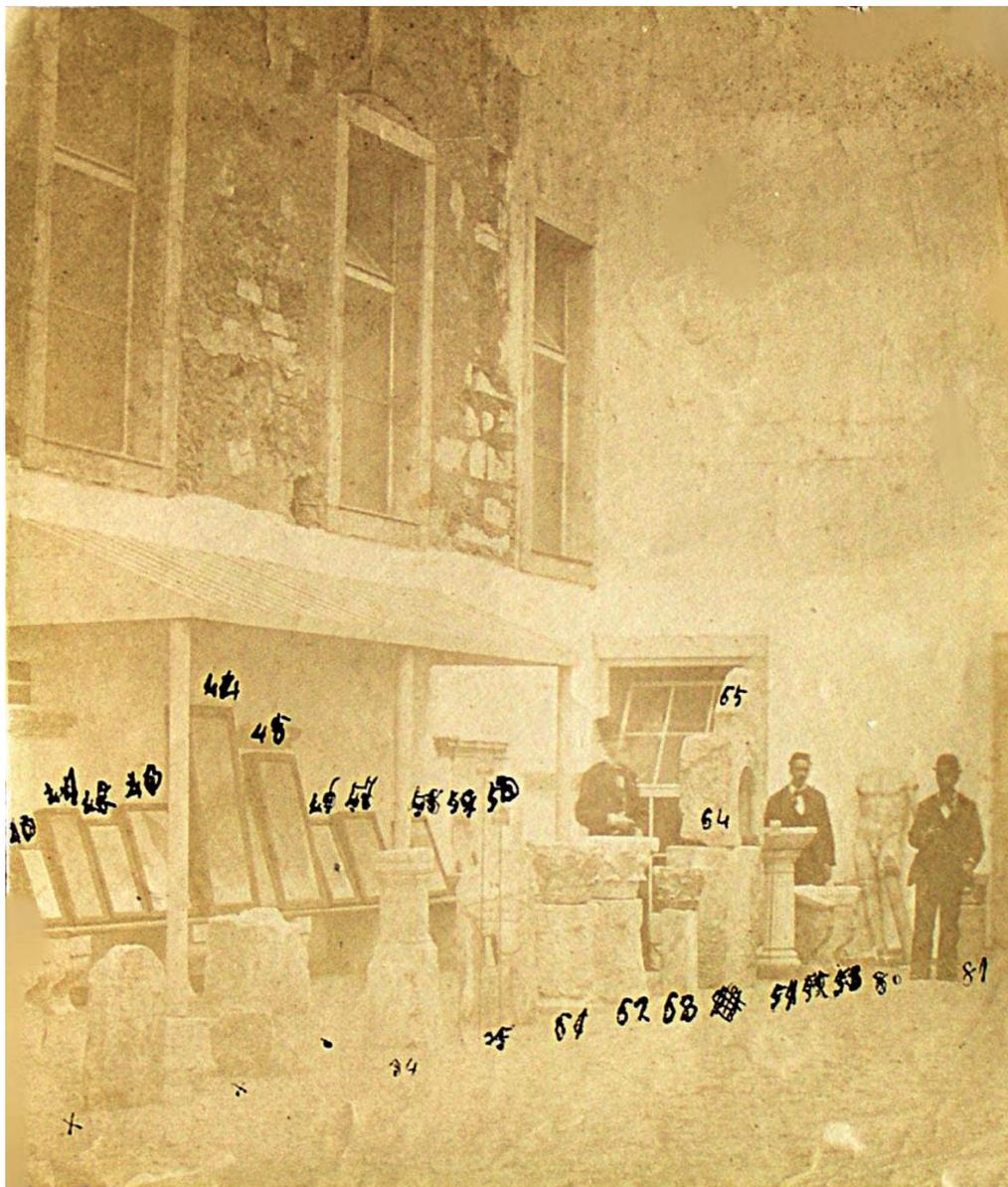


Fig. 9 – Foto do pátio da Academia de Belas Artes ocupado pelo Museu Arqueológico do Algarve. De pé, três homens, Estácio da Veiga à esquerda e seus dois colaboradores, João Dionel da Franca Matos e Joaquim dos Reis Neto, respectivamente escriturário e servente do Museu. Observe-se, entre ambos, o torso da estátua de Apolo, proveniente do Álamo (Alcoutim) e diversas peças escultóricas de Marim. Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, reprodução de J. L. Cardoso.

Com o terceiro volume penso ter atingido um semelhante resultado; pois estabelecendo as bases que me pareceram ser mais genuínas para a inquirição e reconhecimento dos primórdios da metallurgia neste território, impugno todas as proposições contrarias á mais segura hermenêutica dos factos e cuido ter reivindicado o valor local com que elles mostram reagir contra os conceitos que os estavam empobrecendo e desfigurando.

Com este livro presumo demonstrar, que em toda a península hispânica uma “idade do cobre” sem a mínima intervenção de estranhas migrações, succedeu immediatamente á ultima idade da pedra, e exhibindo as condições archeologicas em que os mais rudimentares artefactos de cobre se hão achado em estações inquestionavelmente



Fig. 10 – Fotografia dos participantes no Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia pré-Histórica, reunido em Lisboa, em Setembro de 1880. Estácio da Veiga é o oitavo, em segundo plano, a contar da direita. Prova em papel existente no Laboratório Nacional de Energia e Geologia (Alfragide), reprodução de J. L. Cardoso.

neolithicas, apresento em seguida as plantas, os perfis e a descrição de sete monumentos que explorei na famosa necrópole de Alcalá em o concelho de Portimão, a qual considero ser, por enquanto, a única estação clássica que neste paiz caracteriza a transição do período neolithico para a primeira idade dos metaes.

Com o quarto volume, já coordenado, devo concluir o estudo geral da paleoethnologia do Algarve, sendo os característicos das idades metallicas, que apresento e demonstro com estações especiaes, comparados aos das outras estações synchronicas até agora conhecidas em todo o reino e em algumas provincias da Hispanha. É esse livro que hade patentear a successão ordinal das mais typicas civilizações que no território peninsular existiram até os primeiros assomos dos tempos históricos, assim como a incalculável antiguidade da linguagem escripta, deduzida da idade, archeologicamente comprovada, em que a paleografia indígena já tinha assumido as formas epigraphicas. [...]

O quarto volume veio efectivamente a ser publicado no ano seguinte ao desta missiva; foi também enviado ao Secretário-geral da Academia das Ciências de Lisboa, acompanhado de carta datada de 4 de Junho de 1891, da qual já acima se transcreveu pequeno trecho. Tem interesse conhecer o julgamento do autor:

“Com o referido quarto volume ponho termo á representação e exame dos característicos das diversas idades préhistoricas por mim descobertos e classificados naquella zona geographica e symbolisados na carta que acompanha o primeiro livro; e por terem sempre sido cuidadosamente comparados com os das estações correspondentes já conhecidas no reino e ainda com os de outras do território hispânico, julgo ter assim chegado a registrar uma resenha geral da paleoethnologia peninsular e reivindicando muitas origens, propriamente occidentaes, até hoje attribuidas a outras regiões.”

Enfim, a questão do *Museu Archeologico do Algarve* é outro dos aspectos maiores da trajectória científica de Estácio da Veiga, estreitamente relacionado com a Carta Arqueológica, cuja demonstração prática deveria

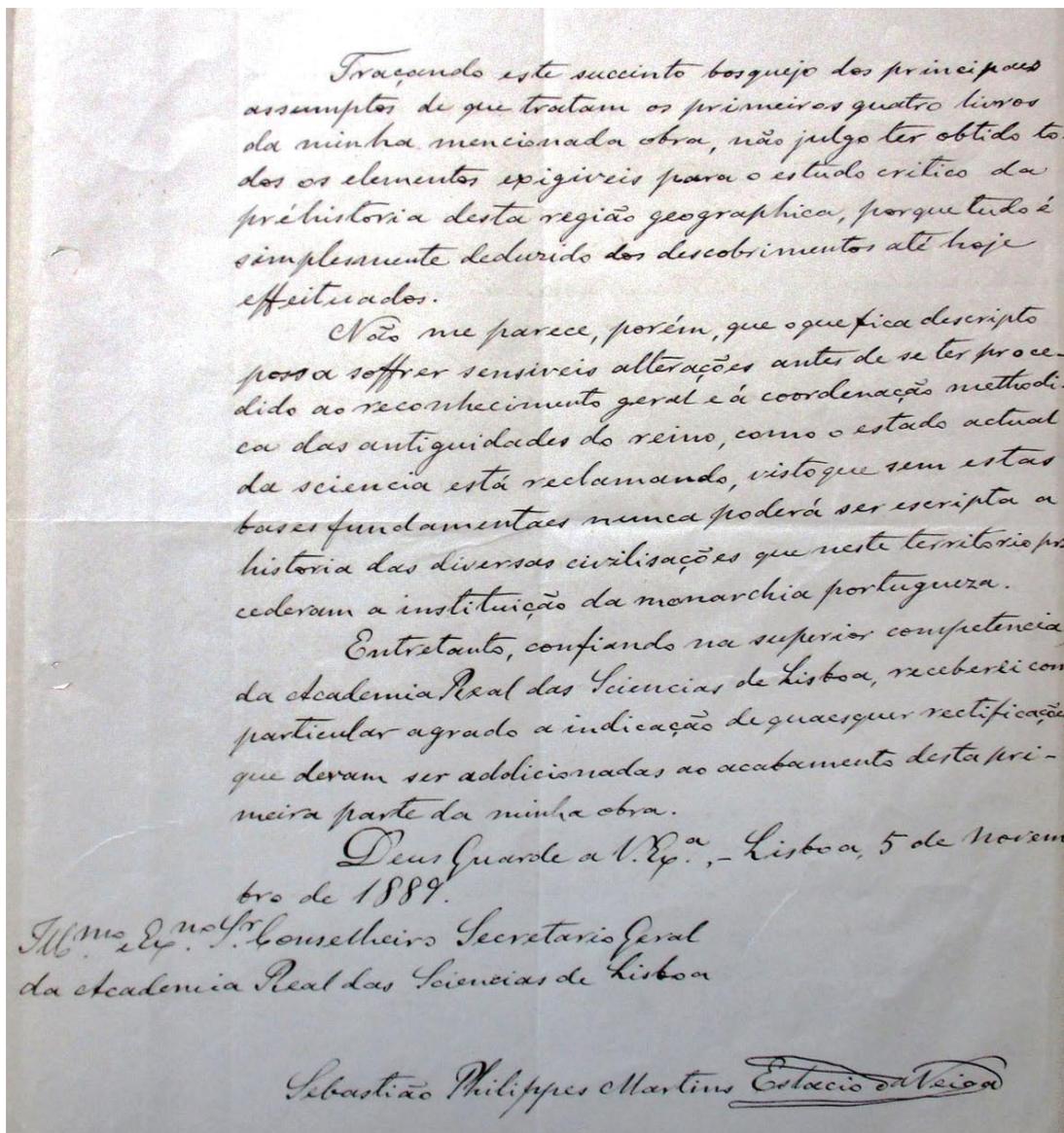


Fig. 11 – Terceira e última página autógrafa da carta dirigida por Estácio da Veiga ao Secretário-Geral da Academia das Ciências de Lisboa, datada de 5 de Novembro de 1889. Processo Individual, Academia das Ciências de Lisboa, reprodução de J. L. Cardoso.

ser pelo Museu assegurada, através das peças ali expostas. Tal Museu, constituiu um rosário de dissabores e decepções que amarguraram os últimos tempos da existência de Estácio. Como o próprio declara, numa bem significativa passagem do volume V, não faltaria quem, depois da sua morte, que já então presentia, cobiçasse o produto do seu trabalho insano...

A opinião de Estácio não foi sempre uniforme, a respeito do local onde deveria ser fundado o *Museu Archeologico do Algarve*. Com efeito, depois de sugerir que as peças por si coligidas, finda a primeira etapa do levantamento arqueológico oficial do Algarve, integrassem um museu arqueológico a constituir na Academia das Ciências de Lisboa, conforme carta datada de 7 de Julho de 1877 dirigida ao Presidente da Segunda Classe da Academia, propósito que não teve seguimento, conseguiu que esse museu se instalasse na sede da Academia de Belas-Artes, de cuja organização fora incumbido oficiosamente em dia aziago, 1 de

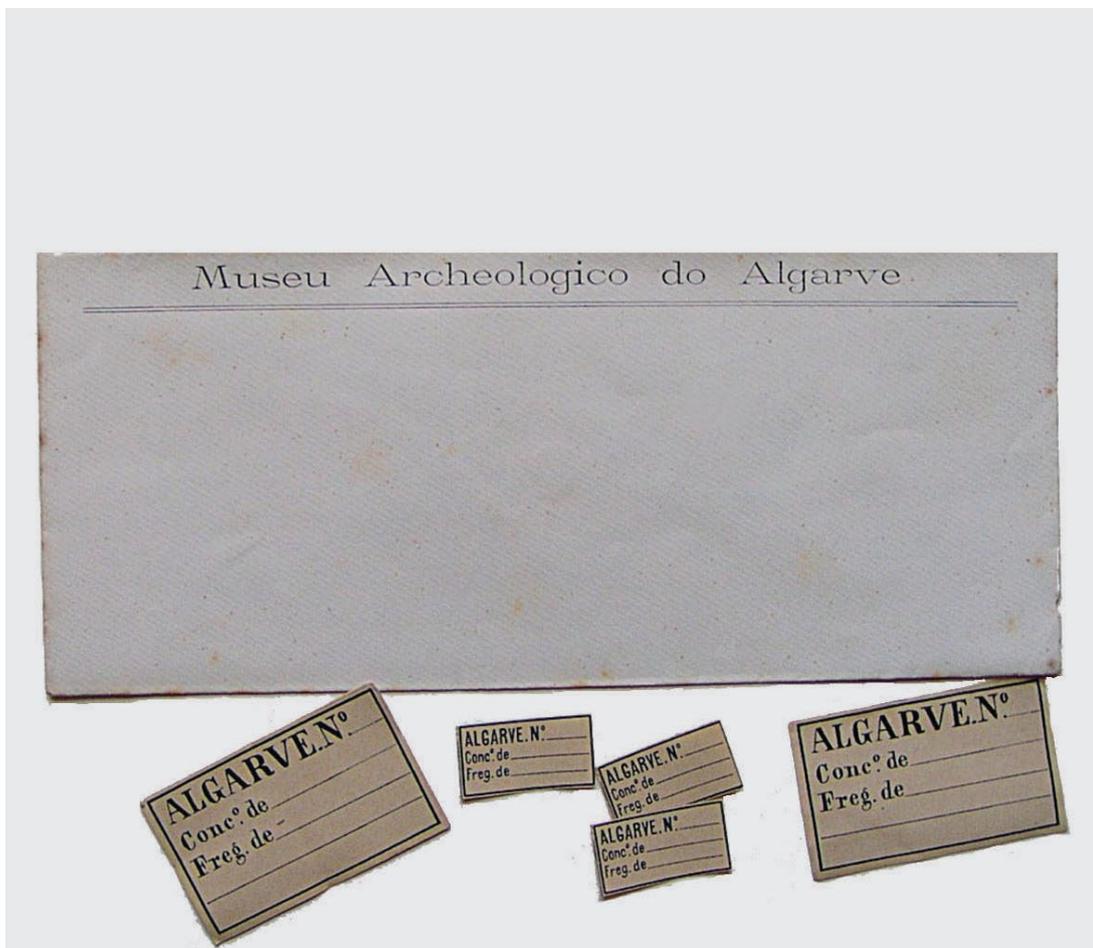


Fig. 12 – Envelope timbrado e etiquetas do Museu Arqueológico do Algarve. Arquivo Histórico do Museu Nacional de Arqueologia, reprodução de J. L. Cardoso.

Abril de 1880. Apesar da fragilidade das bases contratuais e jurídicas da sua criação, chegou a possuir papel timbrado e etiquetas (Fig. 12).

Hoje compreende-se que aquele projecto não tivesse vingado na Academia das Belas Artes, onde contou sempre com a pertinaz oposição, entre outros, do Conde de Almedina e de Thomaz Ribeiro, poeta publicista e político.

Com efeito, não se descortinam as razões para uma Academia – para mais de Belas-Artes – sedeadada em Lisboa ceder, a título permanente, espaços próprios, no âmbito de uma exposição de carácter regional, por mais interessante que fosse (e seguramente não era, para muitos daqueles académicos). Por outro lado, importa ter presente que Estácio, pequeno fidalgo da província, não frequentador dos salões da capital, carecia naturalmente de apoios sendo excepção a compreensão e indiscutível confiança que sempre lhe dispensou o Director-Geral da Instrução Pública, o Conselheiro António Maria de Amorim, personalidade que, a nível governamental promoveu, acompanhou e protegeu o desempenho de que Estácio estava incumbido no Algarve.

Assim, a breve trecho, foi o Museu encaixotado por ordem da referida Academia, e os espólios transferidos em Agosto de 1881 para os fundos do velho edifício, onde foram vistos por E. Cartailhac em Setembro daquele ano, que de novo se deslocara a Portugal no âmbito da redacção da obra *Les Âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, encomendada pelo Governo francês (CARTAILHAC, 1886).

Impedido de reorganizar o *Museu Archeologico do Algarve* na capital e também em Faro, para onde pretendia que as peças por si coligidas fossem transferidas, tratou de as refazer de raiz, recorrendo para tal aos seus amigos e conhecidos. Permanecia, porém, o problema do espaço para albergar os espólios assim de novo reunidos, para o qual não encontrou solução, depois de abortada a criação do *Instituto Archeologico do Algarve*. Os materiais mantiveram-se, deste modo, em sua posse, no Algarve, na sua casa de Cabanas de Tavira, até à sua aquisição pelo Estado, depois da sua morte, em finais de 1893, por um conto de réis, verba disponibilizada pelo Ministério das Obras Públicas, Comércio e Indústria, sendo Ministro da pasta Bernardino Machado. Logo J. Leite de Vasconcellos (L. C. C., 2004, p. 494), se apressou a ir ao Algarve, para tomar conta do acervo, o qual veio a constituir o núcleo principal do Museu Etnográfico recém-criado naquele mesmo ano de 1893, em espaço cedido pela Secção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, no 2.º andar do edifício da Academia das Ciências de Lisboa. Assim se salvaguardou, para os vindouros, os resultados de um labor insano, vindo ulteriormente as colecções que se conservavam na Academia das Belas Artes a integrar o também Museu de Leite de Vasconcelos, acabando todo o acervo arqueológico ter ficado reunido sob o mesmo tecto.

Poder-se-á, em jeito de síntese conclusiva, considerar a vida científica de Estácio da Veiga no domínio da Arqueologia pontuada por acontecimentos marcantes, definindo as seguintes três fases, que também pontuaram a sua própria vida:

- 1.ª Fase – desde as suas primeiras produções escritas sobre diversas temáticas, com destaque para os *Povos Balsenses*, datado de 1866, até ao início do reconhecimento arqueológico dos campos de Mértola e do Algarve, a 3 de Março de 1877;**
- 2.ª Fase – desde 3 de Março de 1877, até à apresentação da primeira versão da Carta Arqueológica do Algarve, em Outubro de 1878;**
- 3.ª Fase – desde Outubro de 1878, passando pela assinatura do contrato de redacção das *Antiguidades Monumentaes do Algarve* em 29 de Maio de 1879 com o Governo e pela instituição oficiosa do Museu Arqueológico do Algarve, a 1 de Abril de 1880, até à data da morte a 7 de Dezembro de 1891.**

“Fiel ao seu programma, e firme no seu posto, Estacio morreu pensando na archeologia e no Algarve, que tão querido lhe era !”

J. Leite de Vasconcellos, *O Arqueólogo Português*, 9 (1904), p. 201, nota 2.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Miguel Telles Antunes, Director do Museu da Academia das Ciências de Lisboa, por ter providenciado a consulta do Processo Individual de Estácio da Veiga e a reprodução da documentação que ilustra o presente estudo.

Ao Dr. Luís Raposo, então Director do Museu Nacional de Arqueologia, que autorizou o estudo do Arquivo de Estácio da Veiga, conservado naquela Instituição. À Dr.^a Lúvia Cristina Coito, responsável pelo Arquivo Histórico daquele Museu, pela cordialidade do acolhimento.

À Dr.^a Maria Luísa Estácio da Veiga e sua Exm.^a Família, pela autorização da consulta e reprodução fotográfica pelo signatário de diversos retratos de Estácio da Veiga, alguns dos quais inéditos, como o agora apresentado.

Ao Doutor Miguel Ramalho que, enquanto Vice-Presidente do extinto Instituto Geológico e Mineiro, autorizou a reprodução da foto dos participantes no Congresso de 1880, conservada naquela Instituição.

REFERÊNCIAS

- BREYNER, T. M. (1930) – *Memorias do Professor Thomaz de Mello Breyner 4.º conde de Mafra*. Volume 1. Lisboa: Parceria de Antonio Maria Pereira.
- CARDOSO, J. L. (2007) – Estácio da Veiga e a Arqueologia: um percurso científico no Portugal oitocentista. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 293-520.
- CARDOSO, J. L. & GRADIM, A. (2004) – Estácio da Veiga e o reconhecimento arqueológico do Algarve: o concelho de Alcoutim. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 22, p. 67-112.
- CARTAILHAC, É. (1896) – *Les Âges Préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*. Paris: C. Reinwald.
- L. C. C. [Lúvia Cristina Coito] (2004) – Documentos para a história do MNA. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 22, p. 491-513.
- PEREIRA, M. L. E. V. (1984) – *Estácio da Veiga cientista algarvio pioneiro da Arqueologia em Portugal*. Lisboa: Casa do Algarve (Estudos Algarvios, 17).
- PEREIRA, M. L. E. V. A. S. S. (1981) – O Museu Archeologico do Algarve (1880-1881). Subsídios para o estudo da Museologia em Portugal no século XIX. Faro: *Anais do Município de Faro*, 219 p. (separata).
- VASCONCELLOS, J. L., in VEIGA, S. P. M. E. (1904) – Antiguidades Monumentaes do Algarve (elementos para o volume V da obra que com este título começou a ser publicada por Estacio da Veiga, – por elle deixados em manuscrito). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 9, p. 200-210.
- VEIGA, S. P. M. E. (1866) – *Povos Balsenses. Sua situação geographico-physica indicada por dous monumentos romanos recentemente descobertos na Quinta da Torre d’Ares distante seis kilometros da cidade de Tavira*. Lisboa: Livraria Catholica.
- VEIGA, S. P. M. E. (1879) – *Antiguidades de Mafra. Memoria apresentada à Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias de Lisboa.
- VEIGA, S. P. M. E. (1880) – *Memoria das antiguidades de Mértola observadas em 1877 e relatadas por...* Lisboa: Imprensa Nacional.

- VEIGA, S. P. M. E. (1886, 1887, 1889 e 1891) – *Antiguidades Monumentais do Algarve*. 4 volumes. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VEIGA, S. P. M. E. (1887) – Projecto de legenda symbolica para a elaboração e interpretação da Carta de Archeologia Historica do Algarve. *Jornal de Sciencias Mathematicas Physicas e Naturaes*. Lisboa. 11, p. 3-7.
- VEIGA, S. P. M. E. (2006) – *Antiguidades Monumentais do Algarve. Volume 5. Tempos Históricos*. Introdução de João Luís Cardoso. Comentários de João Luís Cardoso e Alexandra Gradim. Silves: Câmara Municipal de Silves/ Museu Nacional de Arqueologia.
- VEIGA, S. P. M. E. (2009) – Várias antiguidades do Algarve. Nota introdutória e comentários de João Luís Cardoso. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, p. 617-696.